

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

*TEACHING TRAINING; THE APPROACHES FOR SEX EDUCATION IN SCHOOLS*

Márcio de Oliveira<sup>1</sup>  
Eliane Rose Maio<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo objetiva realizar algumas considerações acerca da formação de professores/professoras em educação sexual. Para tanto, serão feitos questionamentos a respeito da preocupação com a educação sexual nas escolas e serão apresentadas algumas discussões a respeito da formação docente. Por fim, serão expostos os pontos específicos sobre a formação para se educar sexualmente.

**Palavras-chave:** Formação, professores/as, gênero, diversidade sexual.

**Abstract:** This article aims to fulfill some considerations about the teacher training on sex education. For that purpose, some questions will be raise on the sex education approach at the schools and will be presented some discussions about the teacher training. At last, the specific points about training teacher upon sex education will be exposed.

**Key-Words:** Formation, Teacher; gender, sex diversity.

## Introdução

Temos consciência de que a passagem de uma criança pelos campos educacionais é obrigatória em nosso País. Quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN aborda o título *Do Direito à Educação e do Dever de Educar*, é publicada, no artigo

de número 06, a seguinte afirmação: “É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos sete anos de idade, no ensino fundamental”. Mais adiante, no artigo de número 32, é apontado que “O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, **obrigatório**

---

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia e Mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Pós-doutora em Educação Escolar - UNESP/Araraquara. Professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: elianerosemaio@yahoo.com.br

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão (...)”<sup>3</sup> (grifos nossos).

Em 2005, foi promulgada a primeira lei específica do Ensino Fundamental de nove anos (lei nº 11.114/05), que torna

[...] **obrigatória** a matrícula da criança aos seis anos de idade no Ensino Fundamental. Enquanto esta lei modifica a idade de ingresso neste nível de ensino, a lei nº 11.274 trata da duração do Ensino Fundamental, ampliando-o para nove anos, com matrícula **obrigatória** aos seis<sup>4</sup> (grifos nossos).

Com isso, queremos chamar a atenção para o fato de que a obrigatoriedade do ensino no Brasil nos é dada na forma de lei. E, nesse sentido, passamos a nos perguntar: qual é a formação dos/as professores/as que atuam diretamente com as crianças ingressantes nessas escolas? Essa questão irá permear as discussões subsequentes deste trabalho. No decorrer deste texto, apresentaremos, também, outros pontos que estarão relacionados à formação de professores/as e à educação sexual.

O ponto de partida deste trabalho encontra-se na formação de professores/as em educação para a sexualidade<sup>5</sup>, gênero<sup>6</sup> e

diversidade sexual<sup>7</sup>. Perguntamo-nos: esses temas estão inseridos nas escolas? Os/as professores/as trabalham com essas questões? Silva e Neto<sup>8</sup> apontam que “[...] a Educação Sexual de crianças e de jovens sempre existiu, mas se fez mais pela omissão e repressão do que por intermédio de uma educação dialogal, humanista e libertária”. Notamos que a habilidade em discutir temas relacionados à sexualidade, diversidade sexual e gênero ainda não estão presentes na maioria das escolas.

Com base nesses apontamentos, a seção seguinte procura enfatizar a preocupação em se trabalhar sexualidade, diversidade sexual e gênero no ambiente escolar.

### Preocupação com a Educação Sexual

Alguns/as autores/as são reconhecidos pelo trabalho realizado com a educação sexual, dentre eles/elas: Maio<sup>9</sup>, Ribeiro<sup>10</sup>, Figueiró<sup>11</sup>, Xavier Filha<sup>12</sup>.

<sup>6</sup> Para Braga (2007, p.213-214), “[...] gênero é uma construção social e histórica. A noção de gênero, portanto, aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino”.

<sup>7</sup> Entendemos por diversidade sexual as várias orientações sexuais: heterossexual, homossexual, bissexual, transexual, travesti etc.

<sup>8</sup> SILVA, Regina Célia Pinheiro da; NETO, Jorge Megid. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência e Educação*, v.12, n.2, 2006, pp.186.

<sup>9</sup> MAIO, Eliane Rose. *O nome da coisa*. Maringá: UNICORPORE, 2011.

<sup>10</sup> RIBEIRO, Marcos. Metodologia do trabalho com crianças. *In: \_\_\_\_\_* (Org.). *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde*. São Paulo: Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999, pp.167-174.

<sup>11</sup> FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio*. 3. ed. rev. e atual. Londrina: Edel, 2010.

<sup>12</sup> XAVIER FILHA, Constantina. *As dores e as delícias de trabalhar com as temáticas de gênero, sexualidades e diversidades na formação docente*. *In: SOUZA, Leonardo Lemos de; ROCHA, Simone*

<sup>3</sup> BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei 9.394/1996.

<sup>4</sup> GUSSO, Angela Mari [*et al.*]. *Ensino fundamental de nove anos: orientações pedagógicas para os anos iniciais*. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2010, p. 9.

<sup>5</sup> Para Louro (2001, p.11), “[...] sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política (...) a sexualidade é “aprendida”, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos”. Weeks (2001, p.52) aponta que a “sexualidade é modelada na junção de duas preocupações principais: com a nossa subjetividade (...) e com a sociedade”.

Atualmente, esses autores discutem a implantação de projetos e programas que abordem e discutam de forma emancipatória assuntos como gênero, diversidade sexual e sexualidade, uma vez que são temas imprescindíveis para o currículo escolar. Embora tais assuntos permeiem o cenário social, eles ainda são tratados (quando tratados), nas instituições formais, de forma equivocada. Maio<sup>13</sup> afirma que uma proposta de educação sexual “adequada, consciente e emancipadora poderia contribuir para o objetivo de tornar toda a comunidade educativa apta a discutir assuntos importantes para o discernimento, na área da sexualidade”. Agrada-nos a ideia de enfatizar “toda a comunidade educativa” pelo fato de entendermos que professores/as, diretores/as, pedagogos/as, zeladores/as etc. estão em contato com os/as alunos/as.

É válido questionarmos se essa preocupação surgiu neste século. Para isso, faremos uma retomada histórica, pontuando os períodos que marcaram a preocupação de trabalhar com a sexualidade nas escolas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam que

[...] a discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de primeiro e segundo graus tem se intensificado a partir da década de 1970, por ser considerada importante na formação global do indivíduo<sup>14</sup>.

---

Albuquerque da Rocha. Formação de educadores, gênero e diversidade. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2012, pp.13-36.

<sup>13</sup> MAIO, Eliane Rose. O nome da coisa. Maringá: UNICORPORE, 2011, p. 182.

<sup>14</sup> BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 111.

No entanto, antes disso, houve a preocupação nos anos 1920 pautada nos temas *doenças venérea* e, mais tarde, *repressão sexual*. Esses autores apontam que a sistematização do tema nas escolas se deu por volta dos anos 1960.

As primeiras experiências formais e sistematizadas de Educação Sexual nas escolas acontecem nos anos 1960, nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, e são extintas após o início dos governos militares<sup>15</sup>.

Apesar da dificuldade, algumas experiências conseguiram sobreviver por algum tempo. Citando Sayão (1997), Maio<sup>16</sup> aponta que alguns estados mantiveram um programa de educação sexual: “[...] entre os anos 1963 e 1966, um colégio em Minas Gerais manteve um programa de educação sexual para alunos do então quarto ano ginásial”; já no Rio de Janeiro, “[...] o Colégio Pedro de Alcântara, em 1964, adotou a educação sexual para todas as séries”; no mesmo estado, no ano de 1968, “[...] os colégios André Maurois, infante Dom Henrique e Orlando Rebouças introduziram a educação sexual em seus currículos”. Em São Paulo, também, houve experiências importantes nesse âmbito, “[...] entre 1954 e 1970, pelo Serviço de Saúde Pública do departamento de Assistência ao Escolar, (...) oferecia aulas de educação sexual às meninas da quarta série primária”.

Vale lembrar que mesmo com um número significativo de experiências no

---

<sup>15</sup> SILVA, Regina Célia Pinheiro da; NETO, Jorge Megid. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência e Educação*, v.12, n.2, 2006, p.186.

<sup>16</sup> MAIO, Eliane Rose. O nome da coisa. Maringá: UNICORPORE, 2011, p. 192.

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

campo da educação sexual nas escolas, o regime militar<sup>17</sup> reprimiu essas práticas. Maio assinala que

[...] com o Regime Militar dominando a política brasileira, as propostas inerentes ao trabalho de educação sexual na escola foram reprimidas, principalmente sob a alegação de que era a responsabilidade da família a educação sexual das crianças<sup>18</sup>.

Furlani<sup>19</sup> considera os anos subsequentes a esse período como um retrocesso. A autora afirma, em seu artigo intitulado “Educação Sexual – quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular”, que na década de 1970, “a Educação Sexual no Brasil parece ter ‘andado para trás’ – assim como o contexto mundial foi marcado por um exagerado controle e pudor”.

Já em 1992, a preocupação com a educação sexual ressurge por conta do crescente número de pessoas com o vírus da AIDS. Nesse sentido, Silva e Neto afirmam que

[...] em 1992, a partir de preocupações com o crescente aumento da AIDS, a Portaria Interministerial nº 796 propõe a implantação, manutenção e/ou ampliação de projeto educativo de prevenção à AIDS nas redes oficiais e

<sup>17</sup> O Regime Militar foi um período da política brasileira, entre 1964 e 1985, que militares conduziram o País, colocando em prática a censura, a perseguição política, a supressão de direitos constitucionais, a falta total de democracia e a repressão àqueles que eram contrários ao atual regime. Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/ef2/ditadura/>>. Acesso em 20 jun. 2012.

<sup>18</sup> MAIO, Eliane Rose. O nome da coisa. Maringá: UNICORPORE, 2011, p. 193.

<sup>19</sup> FURLANI, Jimena. Educação Sexual – quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular. *Perspectiva*, Florianópolis, v.26, n.1, jan./jun, 2008, p.298.

privadas de ensino em todos os níveis, o que é iniciado nos anos seguintes<sup>20</sup>.

Nesse contexto, fica claro que a preocupação não estava relacionada à educação sexual, mas à epidemiologia de Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Frente a todas essas manifestações, a proposta de educação sexual nas escolas foi retomada com a publicação dos PCNs, os quais são separados em 10 volumes, sendo o último intitulado *Pluralidade Cultural e Orientação Sexual*. Esse documento foi publicado em 1997 e apresenta a política do governo federal para a área.

Diante do exposto, apresentamos, a seguir, o tema formação de professores/as.

### Formação de Professores/as

Pautados/as em Saviani<sup>21</sup>, abordamos algumas características históricas com relação à formação de professores/as. Essa preocupação vem de longa data. Duarte (1986) apud Saviani afirma que

[...] a necessidade da formação docente já fora preconizada por Comenius, no século XVII, e o primeiro estabelecimento de ensino destinado à formação de professores teria sido instituído por São João Batista de La Salle em 1684, em Reims, com o nome de Seminário dos Mestres<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> SILVA, Regina Célia Pinheiro da; NETO, Jorge Megid. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência e Educação*, v.12, n.2, 2006, p.186.

<sup>21</sup> SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*. v.14, n. 40, jan./abr, 2009.

<sup>22</sup> SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no

Essa formação, no entanto, não era institucional. A institucionalização fora exigida, conforme Saviani<sup>23</sup>, “apenas no século XIX, quando, após a Revolução Francesa, foi colocado o problema da instrução popular”. Nesse período, surgem as Escolas Normais, instituições que visavam à formação dos/as professores/as.

No Brasil, “a questão do preparo de professores [e professoras] emerge de forma explícita após a Independência, quando se cogita [a] organização da instrução popular” (SAVIANI<sup>24</sup>).

No momento em que nos propomos a abordar o tema “formação de professores/as”, não pretendemos apresentar fórmulas prontas e/ou um manual contendo o que deve e o que não deve ser feito. Objetivamos, no entanto, elencar algumas características e/ou atitudes essenciais que os/as professores/as devem se atentar quando se trata do ensino.

Por essa razão, iniciamos este debate trazendo a ideia de Moreira a respeito das dissociações realizadas nos cursos de formação de professores/as. Ele sugere que

[...] em primeiro lugar, que se evite, na formação do professor, a dissociação usual entre o ensino dos conteúdos específicos e o ensino de suas metodologias, assim como entre o

ensino dos conteúdos específicos e o ensino das disciplinas pedagógicas<sup>25</sup>.

Nesse sentido, devemos nos atentar para o fato de que essa formação não deve trabalhar os conteúdos a serem ensinados e seus modos de ensinar de maneira desarticulada, mas deve também integrar “[...] conhecimentos, habilidades, crenças, valores, emoções e comprometimentos”<sup>26</sup>. Para se alcançar tais objetivos, a formação deve se ater a certos pontos como a integração entre “as experiências e as contribuições dos especialistas nos conteúdos específicos, dos especialistas em currículo e metodologia, assim como dos professores de primeiro e segundo graus”<sup>27</sup>.

Notamos, ainda, que se está deixando para segundo plano a dimensão prática dos cursos formadores de professores/as. Gomes<sup>28</sup> afirma que “[...] há quase uma unanimidade sobre esse tema, se considerarmos a produção teórica e a análise sobre o modo de organização dos cursos de formação de professores em nível superior”. A autora defende que “[...]”

<sup>25</sup> MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A formação de professores e o aluno das camadas populares: subsídios para debate. In: ALVES, Nilda (Org.). Formação de professores: pensar e fazer. 11. ed., v.30. Coleção questões da nossa época. São Paulo: Cortez, 2011, p 48.

<sup>26</sup> MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A formação de professores e o aluno das camadas populares: subsídios para debate. In: ALVES, Nilda (Org.). Formação de professores: pensar e fazer. 11. ed., v.30. Coleção questões da nossa época. São Paulo: Cortez, 2011, p 48.

<sup>27</sup> MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A formação de professores e o aluno das camadas populares: subsídios para debate. In: ALVES, Nilda (Org.). Formação de professores: pensar e fazer. 11. ed., v.30. Coleção questões da nossa época. São Paulo: Cortez, 2011, p 48.

<sup>28</sup> GOMES, Marineide de Oliveira. Formação de professores na Educação Infantil. Coleção docência em formação. Série educação infantil. São Paulo: Cortez, 2009, p. 70.

contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação. v.14, n. 40, jan./abr, 2009, p. 143.

<sup>23</sup> SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação. v.14, n. 40, jan./abr, 2009, p. 143.

<sup>24</sup> SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação. v.14, n. 40, jan./abr, 2009, p. 143.

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

a dimensão prática tem sido relegada a segundo plano no conjunto da formação geral desses profissionais”<sup>29</sup>. Concordamos com essa afirmação pelo fato de entendermos que o saber fazer de uma profissão se enriquece e se aprimora, também, a partir da aprendizagem realizada via formação prática.

Fernandes<sup>30</sup> critica o conhecimento acadêmico ao afirmar que esse meio se utiliza muito de conhecimentos ultrapassados, se esquecendo – de certa forma – do conhecimento atual, da vivência de hoje. A autora aponta que a academia tem trabalhado “com o conhecimento do passado, com a informação que a ciência já legitimou, e não com os desafios do presente ou com o conhecimento empírico na busca de compreendê-los e ressignificá-los”<sup>31</sup>.

Dessa forma, entendemos que a comunidade acadêmica deve articular seus espaços para que consiga estabelecer uma reflexão crítica e contextualizada a respeito da educação. E em se tratando de educação sexual, é necessário que esta se articule com a produção intelectual, com os fatores econômicos e com a ideologia de cada época. A educação sexual deve pensar as questões de gênero e de sexualidade como

fatores que redimensionam o pensamento dos/as alunos/as e as suas formas de viver enquanto seres sexuados e formadores de sexualidades.

Dessa maneira, a seção seguinte aborda algumas características da formação de professores/as em educação sexual, especificamente.

### Formação de Professores/as em Educação Sexual

Acreditamos ser necessário discutir a respeito da formação do/a educador/a que atuará no espaço da escola, já que o foco deste trabalho consiste em apresentar as temáticas de gênero, diversidade sexual e sexualidade.

Voltamos à questão inicial: será que os/as profissionais da educação se sentem preparados/as para trabalhar o tema? Santos e Araujo<sup>32</sup> afirmam que “[...] é comum (...) um posicionamento, se não oposto, pelo menos neutro a respeito da abordagem de tais assuntos”. As mesmas autoras inferem que isso se justifica “[...] pela falta de conhecimento, pelos valores arraigados e/ou pelo receio de que o resultado do trabalho seja interpretado negativamente”.

Nesse sentido, nas linhas que seguem, discutimos acerca de algumas atitudes necessárias para que o trabalho de educação sexual seja realizado com um viés emancipatório.

Para que um/uma profissional trabalhe a educação sexual escolar, é necessário que ele/a entenda que

---

<sup>29</sup> GOMES, Marineide de Oliveira. Formação de professores na Educação Infantil. Coleção docência em formação. Série educação infantil. São Paulo: Cortez, 2009, p. 70.

<sup>30</sup> FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Formação de professores, ética, solidariedade e cidadania: em busca da humanidade do humano. In: SEVERINO, Francisca Eleodora Santos (Org.). Ética e formação de professores: política responsabilidade e autoridade em questão. São Paulo: Cortez, 2011.

<sup>31</sup> FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Formação de professores, ética, solidariedade e cidadania: em busca da humanidade do humano. In: SEVERINO, Francisca Eleodora Santos (Org.). Ética e formação de professores: política responsabilidade e autoridade em questão. São Paulo: Cortez, 2011, p. 64.

---

<sup>32</sup> SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos; ARAUJO, Débora Cristina de. **Sexualidade e Gêneros**: questões introdutórias. Sexualidade. Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 15.

[...] o trabalho de educação sexual na escola deve ter uma leitura pedagógica – e ser desenvolvido dentro das técnicas educativas, retirando da prática a visão terapêutica que afirma ‘eu vou resolver seu problema’<sup>33</sup>.

O autor aponta a ideia de que os/as professores/as não devem ditar normas do que é certo ou errado, ou “impor seus valores, acreditando que é o melhor para o aluno [e para a aluna]”<sup>34</sup>, pois mesmo entendendo que essa seja a melhor intenção, não é a melhor postura para se seguir na escola.

É possível trabalhar com a ideia de que os assuntos abordados em uma discussão que trate de gênero, sexualidades, diversidade sexual podem dar abertura para o estudo de outros assuntos. Conforme Figueiró<sup>35</sup>, “[...] os temas relacionados à Educação Sexual são ricos, no sentido de ‘abrir caminhos’ para o desenvolvimento da criticidade nos educandos [e educandas] e para a conquista da democracia”. E isso pode ser alcançado a partir do momento em que o/a professor/a cria

[...] condições para a formação da autonomia moral e intelectual do educando, isto é, levá-lo a aprender a

pensar por si próprio, a adotar com segurança um posicionamento pessoal em relação a valores morais, bem como a tomar decisões<sup>36</sup>.

Pensando dessa forma, o trabalho com a educação sexual pode *abrir portas* para outras discussões necessárias. Dentre elas, podemos citar: respeito ao próximo, relações familiares, relação com os/as colegas etc.

Ao observarmos os currículos escolares, percebemos que os conteúdos trabalhados são divididos por disciplinas, em horários específicos. No entanto, acreditamos que a educação sexual não deva ser vista de forma isolada. Esse tema deve ser debatido no decorrer das atividades escolares.

Dessa forma, concordamos com Ribeiro<sup>37</sup>, quando ele aponta que as atividades que envolvem as discussões de gênero, diversidade sexual e sexualidades devem “[...] integrar-se às atividades do dia-a-dia (...), quando a criança apresenta alguma curiosidade (...) ou tem alguma atitude em que o professor [ou a professora] considere adequado intervir”.

Os/as especialistas que trabalham com a educação sexual devem atentar-se, também, à metodologia utilizada em suas aulas. Negrão<sup>38</sup> afirma que é primordial o “[...] número mínimo de aulas expositivas e

<sup>33</sup> RIBEIRO, Marcos. Metodologia do trabalho com crianças. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**. São Paulo: Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999, pp.167-174, p. 169.

<sup>34</sup> RIBEIRO, Marcos. Metodologia do trabalho com crianças. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**. São Paulo: Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999, pp.167-174, p. 169.

<sup>35</sup> FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 3. ed. rev. e atual. Londrina: Eduel, 2010, p. 200.

<sup>36</sup> FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 3. ed. rev. e atual. Londrina: Eduel, 2010, p. 201.

<sup>37</sup> RIBEIRO, Marcos. Metodologia do trabalho com crianças. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**. São Paulo: Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999, p.169.

<sup>38</sup> NEGRÃO, Inocência Parizi. Metodologia do trabalho com o professor. In: RIBEIRO, Marcos. **O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**. São Paulo: Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999, p. 186.

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

incentivo a métodos participativos, pois estes facilitam a aprendizagem de maneira agradável”. As aulas participativas também são importantes pelo fato de permitirem “que os participantes coloquem seus pensamentos e sentimentos”, facilitando, assim, a intervenção do/a professor/a.

Negrão<sup>39</sup> apresenta alguns tipos de atividades a serem trabalhados com os/as alunos/as, a fim de tornar as aulas mais dinâmicas e interativas, para que assim, eles/as participem das discussões de forma ativa.

[A] leitura de textos, exercícios, questionários, vídeos e aulas expositivas com slides ou transparências feitas por eles [os/as alunos/as] ou pelo professor podem levar a novos questionamentos e abrir a discussão em pequenos grupos, o que funciona muito bem para os diversos assuntos.

Essas técnicas são vistas como positivas a partir do momento em que estimulam a troca de ideias e “[...] ajudam a esclarecer pontos delicados, sentimentos e atitudes”<sup>40</sup>.

Aproveitando as discussões sobre as práticas, vale lembrar que os materiais didáticos são riquíssimos para trabalhar o assunto. É preciso, no entanto, abandonar os materiais que tentam inserir valores (religiosos, por exemplo), como os manuais. Conforme afirmam Arruda e

Cavasin<sup>41</sup>, “[...] um bom material sobre sexualidade não é aquele que dá respostas prontas, mas aquele que incentiva a discussão e a possibilidade do uso de uma metodologia participativa”. Assim, entendemos que o material com o qual se trabalha a educação sexual deve ser o mais interativo possível, deixando os/as alunos/as seguros para discutirem o assunto.

Dessa forma, o/a educador/a deve sempre se manter informado e atualizado no que diz respeito ao conteúdo a ser trabalhado. “Faz-se necessário pesquisar novas técnicas e dinâmicas de grupo e buscar bons materiais impressos e visuais”<sup>42</sup>. Assim, as discussões deixam de ser orientadas somente por materiais ultrapassados.

As próprias mídias podem ser fontes privilegiadas de debates<sup>43</sup>. As crianças e adolescentes gostam de discutir os programas e cenas televisivas, por exemplo. E “[...] se partirmos da premissa de que qualquer projeto educativo deve ter o objetivo não só de transmitir o conhecimento, mas também de formar a consciência social crítica do cidadão”<sup>44</sup>, podemos inferir que “[...] a educação não

<sup>39</sup> NEGRÃO, Inocência Parizi. Metodologia do trabalho com o professor. In: RIBEIRO, Marcos. O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999, p. 187.

<sup>40</sup> NEGRÃO, Inocência Parizi. Metodologia do trabalho com o professor. In: RIBEIRO, Marcos. O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999, p. 187.

<sup>41</sup> ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia. Sexualidade e materiais educativos. In: RIBEIRO, Marcos. O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999, p.193.

<sup>42</sup> ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia. Sexualidade e materiais educativos. In: RIBEIRO, Marcos. O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999, p.192.

<sup>43</sup> Ver Andrade (2004).

<sup>44</sup> ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia. Sexualidade e materiais educativos. In: RIBEIRO, Marcos. O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999, p.197.



pode deixar de estar atenta às fontes de informação e às linguagens externas à escola”<sup>45</sup>. Por essa razão, defendemos a ideia de que as discussões acerca dos temas que envolvem sexualidade devem ir além das atitudes percebidas dentro dos muros das escolas, os/as professores/as devem pesquisar filmes e documentários que ajudem a trabalhar com o tema de forma diferenciada.

Vale ressaltar, no entanto, que “[...] mais importante que o material é o educador que trabalha com ele”<sup>46</sup>. Assim, seja qual for o material, é necessário que se tenham profissionais preparados/as para trabalharem com a educação sexual, visto que quem garante fonte de conhecimento não é o material em si, mas a atuação do/a educador/educadora sobre ele.

Nesse contexto, destacamos outra questão: as disciplinas específicas de educação sexual nos cursos de licenciatura, por exemplo, no curso de Pedagogia. Xavier Filha<sup>47</sup>, em um texto intitulado *As dores e as delícias de trabalhar com as temáticas de gênero, sexualidade e diversidades na formação docente*, apresenta algumas discussões acerca dessa formação docente para o trabalho com a

educação sexual. Uma de suas discussões pauta-se na inserção ou não de uma disciplina específica de educação sexual nos cursos de Pedagogia e em outras licenciaturas. A autora aponta que

[...] a inclusão ou não de uma disciplina que aborde as temáticas em questão ocorre em meio a discussões entre as pessoas partidárias da inclusão e criação de uma disciplina específica [...] e outro grupo que advoga em favor das temáticas a serem trabalhadas nas diversas disciplinas do currículo destes cursos.

Além desses apontamentos ainda existe outra discussão levantada pela autora, que acredita ser necessário repensar “conceitos e conteúdos a partir do ensino por projeto, de estudos de caso”<sup>48</sup>. A nosso ver, todas essas tentativas são válidas. Mas acreditamos estarmos longe de inserirmos uma disciplina específica obrigatória acerca do tema nos mais variados cursos de licenciatura. Ainda assim, concordamos com Xavier Filha<sup>49</sup> quando ela afirma que “[...] as questões relativas à inclusão de uma disciplina obrigatória que discuta as temáticas de sexualidade e gênero são muito pulsantes, mas bem longe de serem consensuais”.

Pensamos que uma única disciplina, sozinha, não daria conta de formar,

<sup>45</sup> ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia. Sexualidade e materiais educativos. In: RIBEIRO, Marcos. O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999, p.197.

<sup>46</sup> ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia. Sexualidade e materiais educativos. In: RIBEIRO, Marcos. O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999, p.198.

<sup>47</sup> XAVIER FILHA, Constantina. As dores e as delícias de trabalhar com as temáticas de gênero, sexualidades e diversidades na formação docente. In: SOUZA, Leonardo Lemos de; ROCHA, Simone Albuquerque da Rocha. Formação de educadores, gênero e diversidade. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2012, p.16.

<sup>48</sup> XAVIER FILHA, Constantina. As dores e as delícias de trabalhar com as temáticas de gênero, sexualidades e diversidades na formação docente. In: SOUZA, Leonardo Lemos de; ROCHA, Simone Albuquerque da Rocha. Formação de educadores, gênero e diversidade. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2012, p.16.

<sup>49</sup> XAVIER FILHA, Constantina. As dores e as delícias de trabalhar com as temáticas de gênero, sexualidades e diversidades na formação docente. In: SOUZA, Leonardo Lemos de; ROCHA, Simone Albuquerque da Rocha. Formação de educadores, gênero e diversidade. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2012, p.16.

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

conforme Xavier Filha<sup>50</sup>, a “[...] identidade profissional e ética dos/as futuros/as educadores/as”. No entanto, é um espaço privilegiado “[...] de discussão, estudo e reflexão sobre assuntos, conceitos e conteúdos que, sem a referida disciplina, sequer seriam aprofundados ao longo de toda a formação”. Assim entendemos que todo diálogo – com respeito e esclarecimentos – acerca dos temas gênero, sexualidade e diversidade sexual é válido.

### Conclusão

As ideias expostas neste trabalho procuraram atentar para o fato de que a boa formação profissional é de extrema importância quando se pretende abordar os temas gênero, diversidade sexual e sexualidades. Embora tais temas ainda sejam colocados como tabus em nossa sociedade, acreditamos ser necessário abordá-los na escola, desde as crianças ingressantes no meio escolar até os/as adolescentes que estão finalizando o Ensino Médio.

Concordamos com Oliveira-Formosinho<sup>51</sup> quando ela aborda que a formação profissional deve ser realizada ao longo de toda a vida do/a profissional. A autora afirma que

[...] um mundo onde a profissionalidade é tão complexa, exige, com certeza, uma jornada de crescimento e desenvolvimento ao longo do ciclo de vida. Envolve crescer, ser, sentir, agir permanentemente; é um processo de desenvolvimento e aprendizagem ao longo da vida.

Assim, acreditamos que a formação inicial é, somente, o primeiro caminho. E que, aos poucos, os/as professores/as que trabalham, principalmente com educação sexual, devem aprimorar os seus conhecimentos e suas práticas.

Sabemos, ainda, que os temas gênero e diversidade sexual, apesar de terem sido implantados no currículo há muito tempo, ainda refletem, por parte dos/as professores/as, uma abordagem difusa, quando muitas vezes permeadas por erros e ideologias que aparecem como limites para uma prática docente de qualidade.

Desse modo, esperamos que o presente trabalho possa contribuir para a visibilidade dessa temática na escola, sendo tratada de maneira emancipatória. Ainda falta muito para os/as pesquisadores/as e educadores/as se darem conta de que a educação sexual deve ser realizada em longo prazo, ao mesmo tempo em que deve ser sistematizada e contínua.

**Artigo recebido em 12/07/2012**

**Artigo aceito em 13/08/2012**

---

<sup>50</sup> XAVIER FILHA, Constantina. As dores e as delícias de trabalhar com as temáticas de gênero, sexualidades e diversidades na formação docente. *In*: SOUZA, Leonardo Lemos de; ROCHA, Simone Albuquerque da Rocha. Formação de educadores, gênero e diversidade. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2012, p.17.

<sup>51</sup> OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. O desenvolvimento profissional das educadoras de infância: entre os saberes e os afetos, entre a sala e o mundo. *In*: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Formação em Contexto: uma Estratégia de Integração. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002, p. 62.